



Sr.ª D. Laura Tagide Tavares, Distinta amadora de canto, discipula de M.^{me} Penchi-Levy (Cliché Photographia Brazil).

2.ª série — N.º 485

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 7 de Junho de 1915

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAINHA

Trimestre..... 1820
Semestre..... 2840
Ano..... 4880
Numero avulso. 10 centavos

Edição semanal do jornal O SECULO

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA, em Paris,
Rue des Capucines, 8

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, administração, officina de composição e impressão
RUJA DO SECULO, 43

Gillette

Artigos genuínos de "Gillette" tem de ser estampados com a ref. da Marca de Fabrica.

Barbeae-vos a vós mesmos.

O Apparellho de barbear de seguridade "Gillette" tem assistido ao entrar e ao sahir de trezentas outras navalhas em quanto a sua propria importancia augmenta cada anno, e em cada mez sóbe a cem mil o numero dos seus amigos novos, sem perder um só dos antigos.

Apparellho de barbear, com patente registrada. Um jogo modelo de "Gillette," Esc: 4880 e d'ahi para cima. Laminas, Esc: 1820 e Esc: 0860 por pacote. Vende-se em toda a parte.

Gillette Safety Razor, Ltd., 332, St. Saviour's Road East, Leicester (Inglaterra). Gillette Safety Razor, Soc. An., 17bis Rue la Boétie Paris. Tambem em Londres, Boston, Montreal, etc.

Gillette Não precisa ser amolado nem afiado
Apparellho de barbear de seguridade

REMINGTON
UMCCartuchos Calibre
22 Para Tiro Ao Alvo
E Caça Meuda

Este alvo mostra 10 tiros feitos da distancia de 100 jardas. Feitos por J. Pepé do London Daily Telegraph. Autoridades

Europeas admittem que este grupo de tiros foram os mais centralmente postos que elles conhecem. O Sur. Pepé já atirou 9000 tiros com o rifle com que elle fez esta marca—esta é uma recommendação eloquente que as munições REMINGTON-UMC não destroem nem sujam a caça. Achem-se á venda nas principais casas d'este genero.



REMINGTON ARMS-UNION
METALLIC CARTRIDGE COMPANY
239 Broadway, Nova-York, N. Y.
E. U. da A. de N.

Representantes:
No Sul do Brazil
LEE & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro
No Territorio do Amazonas
OTTO KUHLLEN
Caixa Postal 20 A., Manaus

em Portugal: G. Heitor Ferreira, L. do Camões, 3, Lisboa

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
21, Boulevard Montmartre

PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

PARA ENGADERNAR A

"Ilustração Portuguesa"

Estão á venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o segundo semestre de 1914 da "Ilustração Portuguesa". Desenho novo de ottimo effeito.

PREÇO: 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia póde ser remetida em valor do correio ou ordenas postaes. Cada capa vai acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO "SEculo"

Rua do Seculo, 43—LISBOA

TELEPH. 2638
PERFUMARIA Nº 2638
ROSA D'OURO COLONIAL
SORTIMENTO
Rua da Moura, 281 JOAQUIM R. ALVES
LISBOA

Mizella
O MELHOR SABONETE

COMPANHIA DO PAPEL
DO PRADOSocied. anonima
respons. limitada

Ações	360.000\$000
Obrigações	323.310\$000
Fundos de reserva e amortisação	256.100\$000
Réis	330.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marimãia e Sobreirinho (Tomar), Penejo e Casali de Herguio (Lisboa). Vale Maior (Algarvia-a-Velha). Instaladas para uma producao anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressao e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas navaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, R. de Passos Manoel, 51

En lereço telegrafico em Lisboa e Porto
Companhia Prado. Numero telefonico: Lisboa, 605—Porto, 117.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES"

é o alimento mais agradável e recommendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes: principalmente na epoca do desmamentamento e durante o periodo do desenvolvimento. Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos, impede a diarrrhéa, tão frequente nas crianças.

PARIS, 6, Rue de la Tacherie, e em todas as PHARMACIAS e BOAS MERCADORIAS.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 485

7-6-1915

Teófilo Braga

Como consequência inevitável do ato revolucionário que derrubou o governo Pimenta de Castro, o dr. Manoel de Arriaga renunciou nobremente a alta magistratura em que se achava investido. O Congresso aceitou a renúncia, e outra grande figura republicana foi chamada a exercer, até 5 de outubro próximo, a presidência da República portuguesa: Teófilo Braga. Pela segunda vez o grande



historiador é trazido, ele próprio, para a luz crua da história. Uma vez mais, o filósofo eminente, arrancado ao convívio espiritual das velhas edades, às sombras augustas do Passado que o rodeiam, vai sofrer o embate violento e a violenta pressão das paixões políticas do seu tempo. Ao pronunciar no Congresso o seu discurso de juramento, Teófilo Braga prometeu desempenhar o mandato da nação com bom senso e desinteresse. O venerando chefe do Estado cumprirá a sua promessa. Que admirável paiz seria ainda Portugal, se o desinteresse e o bom-senso entrassem, finalmente, na política portuguesa!

Povo

Houve na Revolução episódios que enobrecem o povo de Lisboa. Um d'elles, contaram-m'o hontem. Pouco antes do dia 14 de maio, um professor illustre da Faculdade de Ciências despediu o seu guarda-portão, gatuno e alcoólico. Quando re-



bentou o movimento insurreccional, o homem rejubilou: chegou a hora—julgou ele—de se vingar do patrão que o despedira. Correu a um centro revolucionário, denunciou o professor como conspirador perigoso, pediu gente para o prender, e, perante as suas declarações, quatro populares armados e um marinheiro prestaram-se a acompanhá-lo. A casa foi invadida; o professor appareceu, surpreendido, no topo da escada, e o antigo

guarda-portão, empunhando uma Browning, increpou-o de baixo: — «Despediste-me da tua casa? Pois vas pagá-lo com a vida!» Os populares e o marinheiro, n'um relance, perceberam que tinham vindo servir, não uma causa justa, mas um ódio pessoal; agarraram o denunciador, para o dominar e desarmar; o homem resistiu, brandindo a arma;

um dos populares meteu-lhe uma bala na cabeça. E enquanto o cadáver do guarda-portão, como uma massa gelatinosa, rolava nos ultimos degraus empoçados de sangue, o marinheiro, tirando o seu barrete, dirigiu-se cortezmente ao dono da casa: — «Queira desculpar o incómodo; vinhamos enganados».

A Franceza

Quando se escrever a historia da grande guerra europeia, um dos capitulos ha-de ser consagrado á mulher franceza, á beza moral da sua attitude, á nobre grandeza do seu sacrificio. Esse capitulo irá desde a ternura até á epopeia. Principiará n'uma lágrima; resplandecerá n'um clarão; e — ou ela não fosse mulher! — acabará n'um sorriso. A franceza, que tão heroicamente tem suporta-do todos os horrores da guerra, que tem sabido sofrer tudo, abdicar de tudo, renunciar a tudo, — só não renunciou ao seu prestigio de sedução, ao seu poder de encanto. Enfermeira, — é, na sua aza branca, a beza dos hospitaes. Viuva, — é, no seu luto negro, a beza dos cemiterios. Passa, entre escombros, povoando a morte de sorrisos. Atravessa, entre devastações, enchendo de beza a dôr.



Amor divino

Teixeira de Queiroz, o grande romancista do «Salústio Nogueira», do «D. Agostinho» e do «Famoso Galvão», cuja obra, admirável na pujança da concepção e no brilho da realisação formal, se compraz, ora na forte caricatura social e politica da «Comédia Burgueza», ora nas largas geórgicas ardentes de sol da «Comédia do Campo», acaba de refundir e de publicar em 2.ª edição o seu primeiro romance: «Amor Divino». N'esse segundo manuscrito d'uma obra intensa de mocidade, Teixeira de Queiroz, deduzindo o diagnóstico etiológico do curioso caso de histeria que é a sua «Santa de Refuinho», produziu, simultaneamente, uma nobre página de ciência médica e um dos mais notáveis romances de costumes de que se orgulha a literatura portugueza contemporânea.



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



PELA

FRANÇA

Um clarim de guerra soou, alarmando, na noite alta. Vênus brilhava, límpida, como um diamante incrustado na concha do firmamento. Já a luz difusa, precursora da ante-manhã, clareava brandamente, no remoto horizonte, dissolvendo os fulgores da via-lactea. O acampamento dos franceses ficava no fundo de uma vasta planície, circundado por cordilheiras que a luz do dia eram difusas, de um azul suave.

As tendas de campanha eram agora apenas visíveis, como manchas esbranquiçadas, meio esbatidas na treva a desaparecer. As sentinelas vigiavam, de espingarda ao ombro, caminhando a passos lentos. Um cão de uma das companhias, a sua «mascotte», latia, n'um latir cançado, como guarda que nunca adormece. Aves noturnas cruzavam no alto, farejando, e piando agonicamente, como prediziendo catástrofe.

Após marchas forçadas, em dias consecutivos, transpondo despenhadeiros, em terrenos alcantilados, de trilha difícil, e na quase escuridão de nevoeiros que se adensavam, enregelantes, a cavalaria bivacava, preparando-se para prosseguir. O inimigo, pelas notícias das vedetas, aguardava apenas a alguns quilômetros, sobre uma iminência de montanha. Os soldados da França, dois regimentos aquecidos já no fogo das batalhas, empenhavam-se n'um *raid* de temerário heroísmo. Esperal-os-ia uma vitória gloriosa ou um extermínio em massa. Sabiam quantos eram e quanto valiam; sabiam quão as forças alemãs que os aguardavam. Mas não trepidavam. Aquecia-os um entusiasmo de delírio. Os regimentos da República eram constituídos por elementos magníficos, por um *scol* de juventude e de formosos espíritos, que lhes dava o prenúncio dos melhores triunfos. Comandava-os um oficial nobilíssimo, o Conde de Mesmer, o ilustre soldado que, ele sózinho, aniquilara, passando-os à espada, e ferido já, dez alemães, na batalha do Marne, após a derrota inteira do seu batalhão.

O clarim soou, vibrante, na noite, já visinha do clarear do dia. E como que acionados por uma mesma força, todos esses cavaleiros, n'um momento, apareceram junto ao flanco das suas montadas, saltando sobre os estribos, de golpe, n'um clamor festivo, em exclamações de guerra, prontos a despedirem-se da vida, e a lançar-se contra o inimigo, que os cercava. A distância, não larga, ouvia-se um ruído confuso, característico. Não havia dúvida. Eram os teutões que caminhavam preparando-se para tomar posições sobre uma colina, a breve distância. Como vence-os ou dete-os? Uma vedeta os descobriu, em marcha, e retornara, a galope, a avisar.

N'um segundo, os batalhões formaram, em linhas cerradas, rígidos como estatuas, imóveis, aprestados com o mesmo entusiasmo para a vitória ou para a morte. Não nutriam dúvidas; certamente que a artilharia varrel-os-ia em instantes, semeando o só-

lo de mortos e feridos. Os inimigos, já seguros da prisão, não ocultavam os seus movimentos; o seu bulício re rescia.

A noite, dealhada agora, clareava progressivamente, n'um alvôr em que o azul escuro e cendrado se desfazia em tintas pardacentas, de mais em mais iluminadas. Os cavaleiros franceses, convictos da derrota, aguardavam, formados, na expectativa de uma ordem decisiva. Uma chama clareou no horizonte; depois um estampido seco, e simultaneamente, um movimento convulsivo, desordenado, de toda uma ala de esquadrão, que baqueia e que se desmantela. A granada atingira-a em cheio; a metralha grossa, irrompente como uma lava, alvejara-a e esfacelara-a.

O relinchar dos cavalos, os gritos dos feridos e moribundos, e o espetáculo d'aquelles corpos triturrados, ensangüentados, provocavam não a cobardia, mas a galharda audácia dos franceses. Um toque novo de clarim anunciou-lhes a investida. E eles avançaram, de espadas nuas, brilhantes à luz da manhã, a galope, n'uma muralha viva, como um negro mar em ondas, com as bandeiras desfaldadas. A França em cada peito, fêrvoros de impetuosidade, enormes de brava loucura, leves e ágeis como o vento que corre. Voavam, eram céleres como as aguias, e fulminantes como o raio.

De novo o canhão soou, cavamente, com um ruído co'ossal. E logo, na avalanche impetuosa, outra clareira se abriu, rubra de sangue, formidável. Por cima d'ela, no impeto da avançada, na demência heroica do ataque, galgaram os sobreviventes, esmagando cavalos e cavaleiros, n'uma arrancada para a morte, alucinados de furor, prinhos do santo entusiasmo do ódio ao inimigo. Uma e muitas vezes o canhão trôa, e estremece o solo, parece estalar os céus e ecôa, e ribomba ao longe, sinistramente.

Os desmantelados regimentos seguem, na mesma avançada heroica, como legiões que buscam o sacrifício extremo com a alegria de quem caminha em triunfo para a glória suprema e para a redenção. Os mortos que ficam sobre o solo, como que os animam e lhes dão alento. As bandeiras tricolores, flutuantes ao vento, são os símbolos da pátria que os olham e os alumia, como faroés, como estrelas. Os clarins de guerra, sonoros e claros como a luz da manhã que já vibra, cheia de fresca luz e de suavidade, dá-lhes vida, dá-lhes alento, dá-lhes mocidade, dá-lhes bravura. E' pela França que se batem; é pelo seu solo e pelo berço em que nasceram que se arrojam; é pela França e pelo seu berço que darão em holocausto a vida e morrerão lutando e cantando o hino do povo a que pertencem.

Mesnier, o lendário comandante, vai na frente. Monta ainda o seu cavalo Nero, que no Marne, envolto no fumo dos combates, calcando os cadáveres e jorrando sangue, com o seu airoso saíra vitorioso na luta épica. Todos os do esquadrão morreram, e pereceram, combatendo. Apenas Nero e Mesnier não morreram; e viviam ainda, como se o próprio pó da batalha os não houvesse tocado, nem o seu sangue de longe os houvesse atingido.

Franceses e alemães estão a algumas centenas de metros apenas. Os franceses tentam um movimento envolvente, cercando a colina e buscando, por todos os flancos, atacar a artilharia que a corava.



.. Voavam ; eram ce'eres como as agu'as e fulminantes como um raio.

Cobrem-se pelas dunas do terreno; avançam cautelosamente, protegidos; estão dispersos e seguem dispersos. O seu plano é escalar o monte, e, a pouco e pouco, subindo, dizimando-se, inundando de sangue o caminho, semeando-o de mortos e de moribundos, capturar os teutões, reduzir ao silêncio a voz da artilharia que continuava implacavelmente a ceifar-os nos pontos de alvo que lhes oferecia.

Os alemães alcançaram uma bandeira branca. Pediram uma tregua. Era dia claro, um dia maravilhoso, em que o sol prateava os cumes, cobertos de gelo, e tudo inundava de brilhos rutilos. O espetáculo das forças em batalha impressionava. O enviado alemão notificou os francezes para que se rendessem. Mesnier ouviu-o e sorriu; cortejou-o militarmente; disse-lhe que dissesse aos seus, que eles preferiam morrer a deixar-se vencer. Um soldado da França morria mas não se rendia.

—Ide! dizei-o em meu nome ao soldado que nos comanda! — gritou Mesmer.

—E' a ultima palavra?

—Ide! Se um momento mais insistis, sereis fuzilado!

O mensageiro voltou, e minutos dobrados, a artilharia resurgia, constante, atroadora, vomitando fogo e metralha, corando de chamas o alto da colina, e embranquecendo-se de fumos cianos — o fumo das explosões. Duas horas a marcha proseguir, di-

dos cavaleiros, o grito de guerra ao inimigo.

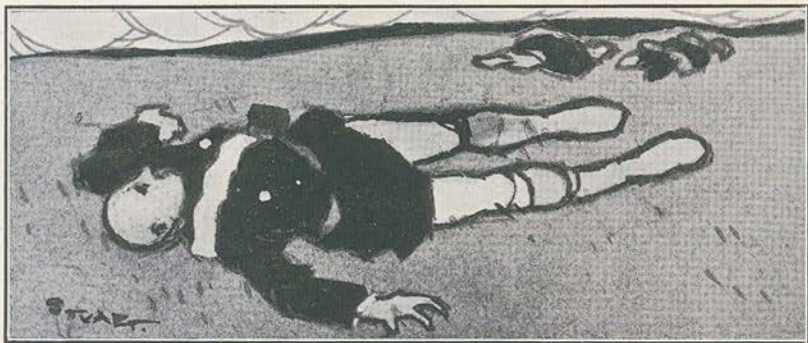
—Pela França!

Estão a cem metros agora. Veem em massa, desbridadamente, subindo. Não lhes foi possível circular a colina, ravinosa n'alguns dos flancos. Os cavalos, de olhos exorbitados, cobertos de espuma, a lingua caída entre os dentes, apoplecticos, loucos de ancia, de furor, parecem voar, em galões, corajosamente. Muitos rolam, varejados, esfacelados. A coorte desmantelada dir-se-ia uma tela de Meissonier, quando as legiões passam sobre os campos de batalha, na vertigem acria de Walkiria em furia, sobre os ares sonoros, nos ventos fugidios.

Os cavaleiros contam ainda cercar os inimigos, emudecel-os, external-os. Sobem cem metros mais. E, de repente, em segundos, a artilharia enfila, toma posições em reduto, e á voz d'um comando firme, descarrega uma, dez, cem vezes consecutivas.

—Viva a França! — ouve-se ainda no fragor da peleja.

E as massas dos cavaleiros rolam por terra, em sangue, despedaçadas, sem vida. Os cavalos relinham de dor, feridos pela metralha, voando como poeira, juncado o solo. Ouvem-se gritos estertorosos e imprecações de maldição. Os germanicos entoam um hino em gloria de Deus e do seu enviado, o imperador, o *kaiser*. A artilharia continua vomitando



zizando-se a cavalaria, agora um terço dos dois regimentos. Mas o seu ardor primitivo, a sua audacia épica, o seu impeto, eram os mesmos. Os vivos herdavam dos mortos a vida e energias que eles perdiam.

—Pela França! — grita Mesmer, impetuosamente, brandindo no ar a espada luminosa, em que, dir-se-ia arder, na ponta, uma estrela.

—Pela França! grita cada um dos officiaes ás suas companhias e gritam os soldados febrilmente, empurrando-se avante na falange destemida, a quem não lisongeava a vida, porque receio não tinham da morte.

O sol, como hostia de ouro na missa grandiosa da manhã nascente, erguia-se ovan'te, resplandecente de oiros como um imperador, diademado de joias como um deus helleno. A sua luz coloria, lá longe, a vastidão recoberta de gelos, os pequenos arbustos toucados de pingentes, e, no remoto horizonte, as altas cordilheiras toucadas de neves eternas. Aquele luz maravilhosa e doce como um beijo, sobre aquele cenário em que á grandeza da natureza se misturava o heroismo dos homens, impressionavam os espiritos dos guerreiros. Eies caminhavam, galopando, n'um entusiasmo de sagrada loucura que só o amor da patria explica, e a gloria imperecível galardoa.

—Pela França! — reboava nas gargantas roucas

tando lava, derramando, como uma praga do Gênesis, a metralha que tudo arraza.

Qual dos cavaleiros escapará? poderá triunfar algum? Tudo morre; não sobrevive ninguém. Os cavaleiros e os seus cavalos acumulam-se, formando montões, de que o sangue escorre, e corre como n'um rio. Como por milagre, dois homens vingam. São Mesmer e o seu clarim. Como? porque maravilha?

Mas esses mesmos, um momento ajoelhados sob a defeza d'um rochedo, olham o espetáculo de morte dos seus irmãos chacinados. Choram pelos que gloriosamente pereceram, de espada em punho, pela patria que os admira. E tem vergonha, odio de si proprios, pela sua derrota. Como vencer o infortunio? E os dois, o clarim e o seu comandante, sobem á escarpa que defrontava o inimigo, enlaçam-se, como irmãos, e acenam aos alemães com a sua bandeira:

—Viva a França! — exclamam, e beijam-se.

Os canhões troam, simultaneamente. Uma nuvem branca, como um fumo de holocausto, cobre o pináculo do monte, e eleva-se nos ares. Cá abaixo, sobre a pedra nua, os dois soldados francezes rolam, envoltos de sangue, sobre os corpos ainda ofegantes dos seus companheiros de armas sacrificados.

EURICO DE SEABRA.

A SR.^a D. ANA COSTA



Um aspeto da chegada do feretro da sr.^a D. Ana Costa a Ceia

Extraordinária e sentida foi a homenagem de veneração e saudade prestada á memoria da sr.^a D. Ana Costa, virtuosa e estremecida mãe dos srs. dr. Afonso Costa, a figura mais culminante da politica portugueza, e Artur Costa, a quem o paiz e as instituições tambem devem excelentes serviços. Esses dois homens fortes, que a alguem talvez pareçam endurecidos nas lutas da vida e da politica, ti-

buir a imponencia da lutuosa manifestação, tanto em Lisboa, onde a sr.^a D. Ana Costa faleceu a 24 de maio, como em Ceia onde o seu corpo ficou repousando em jazigo de familia no dia 26, não foram poucos os que tiveram a devoção intima de ir render comovido preito ás virtudes da mãe, porque a sr.^a D. Ana Costa era-o na sua idealisação mais pura e mais santa.



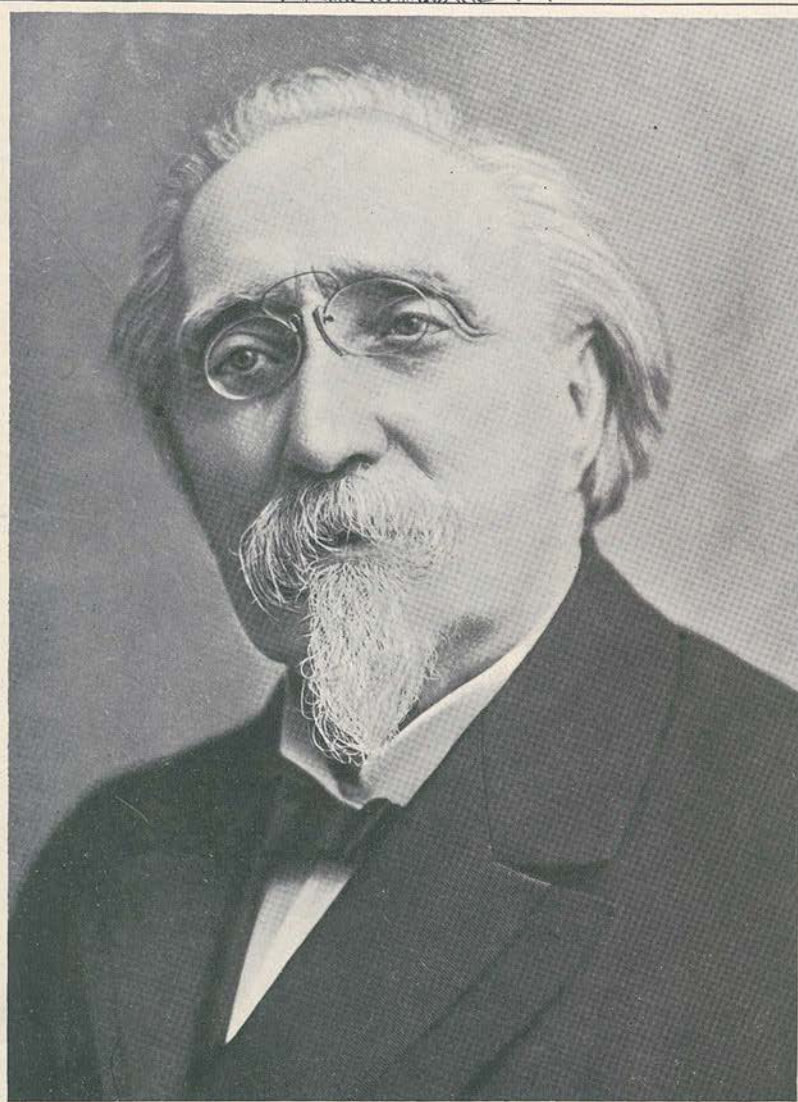
A sr.^a D. Ana Costa

nham por sua mãe uma adoração e uma ternura inextinguíveis, cercaram-na de supremos cuidados medicos e de carinhos de familia para disputal-a á morte, e, vencidos na luta, choraram como duas creanças.

Se á posição social dos filhos, com tantos amigos pessoas e políticos, se póde atribuir



Aspetto do cortejo fúnebre a caminho do cemiterio de Ceia
(Clichés do distinto fotografo amador sr. E. Casal).



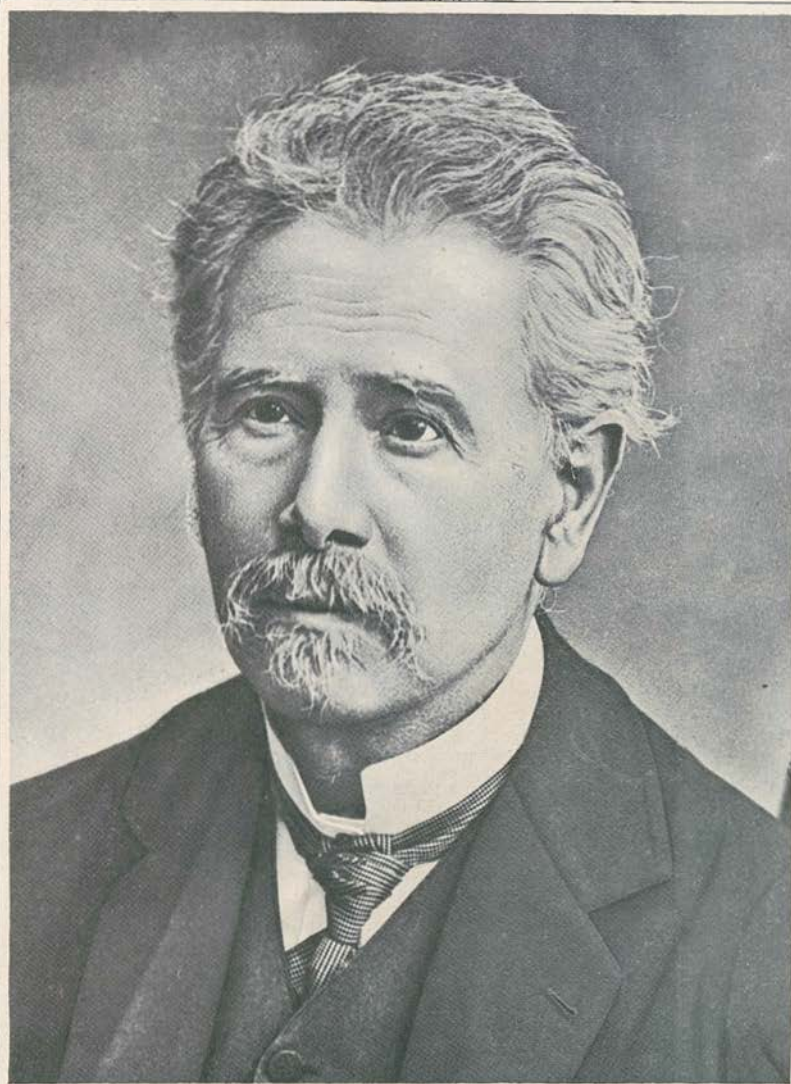
O sr. dr. MANUEL D'ARRIAGA, 1.º Presidente da Republica Portugueza

(NASCIDO NA ILHA DO FAIAL EM 8 DE JULHO DE 1839).—(Cliché Fernandes)

Eleito pelo Congresso, em 24 d'Agosto de 1911, primeiro presidente da Republica Portugueza, o sr. dr. Manuel d'Arriaga renunciou este cargo por carta dirigida em 16 de maio findo ao governo proposto pela Junta Constitucional e cujo decreto de nomeação acabava de assinar, sendo a mensagem de renun-

cia lida na sessão do Congresso de 29 do mesmo mez.

Do que ele tantos anos trabalhou pela Republica, dos sonhos com que ascendeu á supremacia do seu governo e das circumstancias gravissimas em que se viu obrigado a recolher-se á modestia do seu lar, só á historia pertence dizer.



O sr. dr. TEÓFILO BRAGA, 2.º Presidente da Republica Portugueza

(NASCIDO NA ILHA DE S. MIGUEL EM 24 DE FEVEREIRO DE 1813)—(«Clichi» Botone)..

O sr. dr. Teófilo Braga foi o presidente do governo provisório da Republica. Nunca um só momento, na sua longa vida, ele deixou de viver sob o ideal republicano, como o atesta a sua larga obra litteraria e filosofica; nunca deixou de pugnar pela Republica na tribuna, nos jornaes, na sua cadeira de pro-

fessor, sempre com o mesmo ardor, com a mesma fé.

O Congresso, elegendo-o, não fez mais do que prestar homenagem a um grande cidadão portuguez, gloria da sua patria, e o sr. dr. Teófilo Braga, acellando em circumstancias tão especiaes, deu uma das maiores provas do seu grande amor á Republica.

Discipulas DE D. Adelia Heinz



Como as dos anos anteriores foi brilhante a audição de um grupo de alunas de ensino particular da talentosa professora do Conservatório sr.^a D. Adelia Heinz, no salão da *Ilustração Portuguesa*. Uma assistência elegantíssima aplaudiu com justo entusiasmo todas as executantes, algumas d'elas ainda umas creancinhas encantadoras, tocando já com sentimento e firmeza, o que ainda mais faz realçar o método de trabalho consciencioso da distinta professora, que foi obsequiada com flôres e varios objetos d'arte.

1. A distinta professora sr.^a D. Adelia Heinz—2. Mesdemoiselles Maria Irene e Alice Rocha Lopes da Silva—3. Mlle. Maria da Nazaré Ramos—4. Mademoiselle Maria Livia Ramos—5. Mlle. Maria Helena Dias Rocha—6. Mlle. Fernanda de Carvalho Faria de Figueiredo—7. Mlle. Olinda de Carvalho Nunes Caetano—8. Mlle. Neryna de Sousa Melo—9. Mademoiselle Carmen de Miranda

y Carvajal—10. Mademoiselle Clarisse Alves Valadares—11. Mademoiselle Emilia Rosa Almeida—12. Mademoiselle Juul de Sousa Melo—13. Mademoiselle Adalina Santos—14. Mademoiselle Maria Irene Pinho—15. Mademoiselle Edeme Pereira Gomes—16. Mademoiselle Luiza de Carvalho—17. Mademoiselle Maria Virginia de C. Granado—18. Mademoiselle Ilda Aschmann P. da Silva

O VELHO MUNDO EM GUERRA

Continuam os italianos a avançar pelo território austriaco, sem grande resistencia; n'alguns pontos até não encontram nenhuma. Não é de admirar, como não era de esperar que fossem os austriacos, como se dizia, que, mal recebida a declaração de guerra, se lançassem n'uma onda impetuosa sobre o território italiano.

Parece que se sumiu esse milhão de austro-hungaros que, segundo os telegramas, se ia pouco a pouco concentrando na fronteira, reforçado por 800.000 alemães. Fomos dos que duvidaram da disponibilidade de tantas forças para opôr aos primeiros embates da Italia. Sabidos os esforços sobre-humanos que a



Alemanha e a Austria estão ha muito fazendo para acudir a diversos pontos da linha oriental até com contingentes formados de velhos e de menores, não era crível que apresentassem assim, com relativa facilidade, um milhão e oitocentos mil homens.

Hão de forçosamente deslocar gente das linhas de combate para atamancar a defeza na fronteira austro-italiana, como está ha muito atamancando, — este é o termo — a resistencia n'aquelas linhas. Tão depressa os telegramas accusam passagem de tropas de oriente para ocidente, como a noticiam em sentido contrario, n'o tando-se



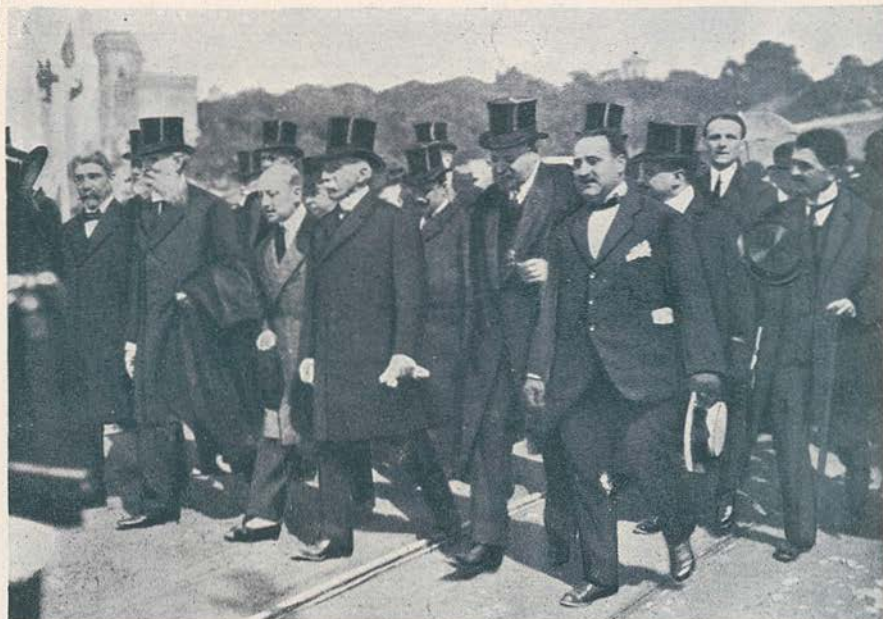
1. O ministro da guerra italiano sr. Vitor Zupelli—2. Um balão italiano calvo em reconhecmento na fronteira



O rei de Italia conversando com o chefe do estado maior do exercito Italiano
general Luiz Cadorna

que muitas vezes no trajeto tem de arripiar caminho; taes são os apertos em que alemães e austriacos se vêem de gente para ir entretendo uma situação, sobre cujo desespero já não ha illusões possiveis.

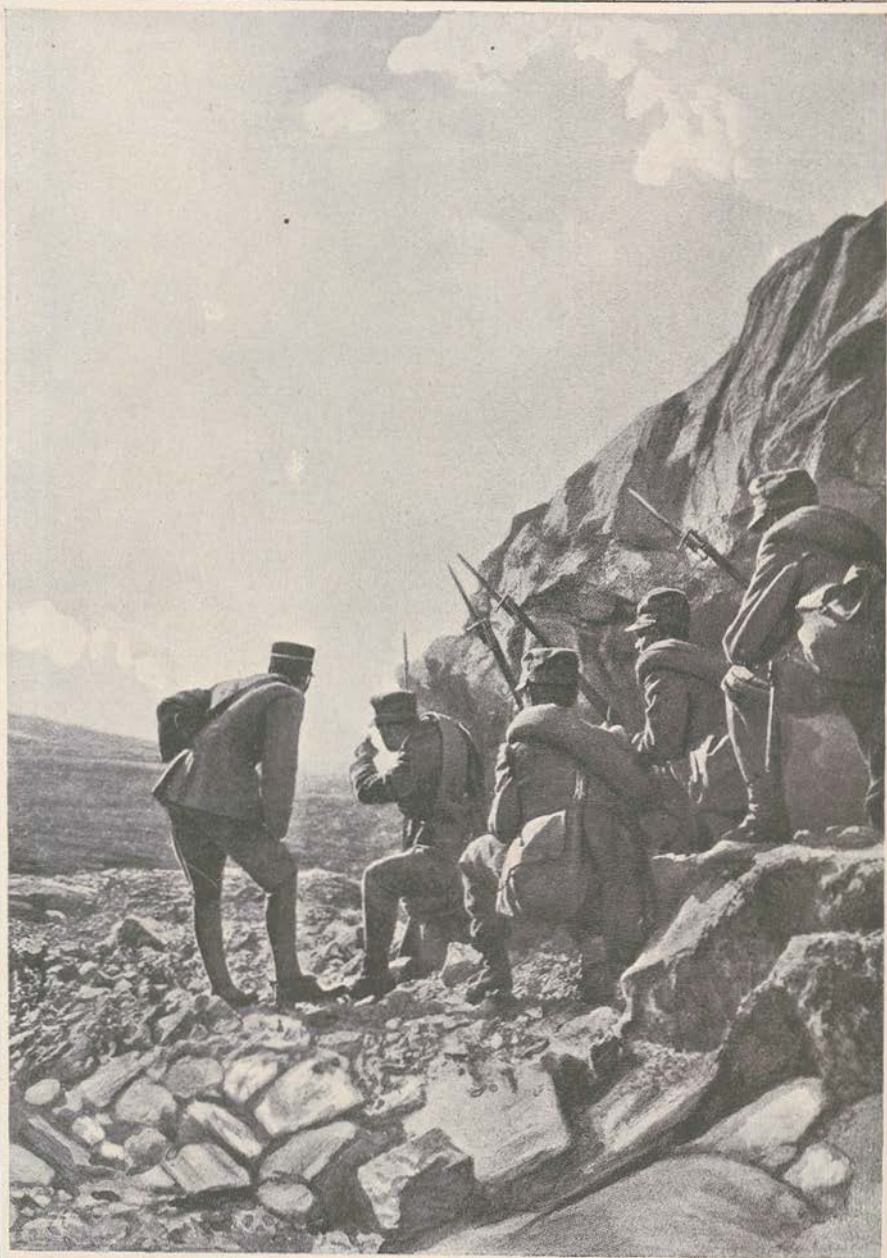
E é com estes expedientes, com este jogo de xadrez, que eles vão fingir que lutam com os italianos, telegrafando vitorias sobre vitorias pelas suas agencias de Pola, de Nordeich, de Amsterdam e de Badajoz!



Gabriel d'Annunzio com o presidente da Camara, Marcorá, e o sindaco de Genova, general Marcone, na inauguração do monumento em 5 de maio aos mil garibaldinos na pequena povoação de Quarto. Justamente no sítio em que Giuseppe Garibaldi embarcou com os seus companheiros para a memorável expedição da Sicília em 5 de maio de 1860.



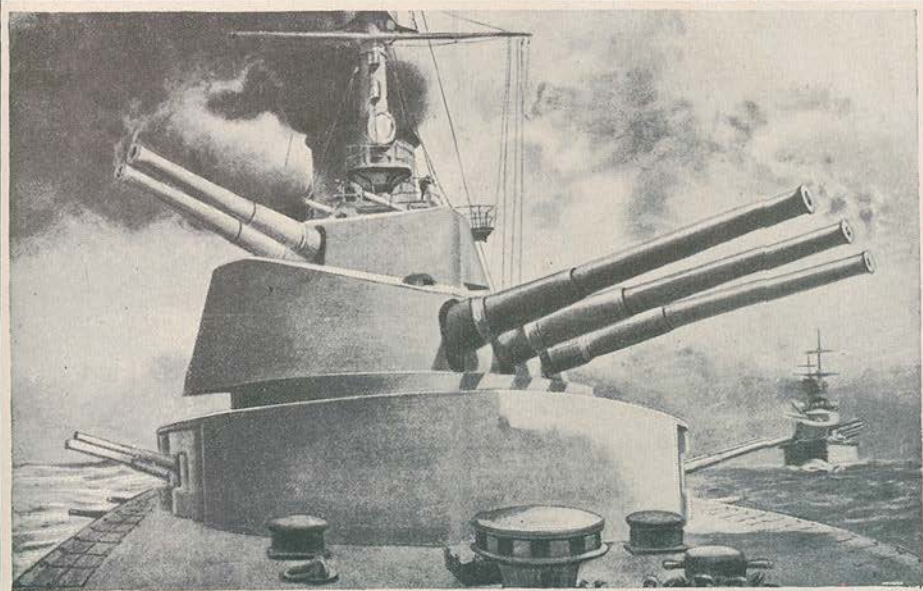
O grande poeta italiano Gabriel d'Annunzio, lendo o seu discurso junto do novo monumento dos garibaldinos, o qual, sendo um apostolo da guerra, muito contribuiu para que a Italia se decidisse a pegar em armas.



Uma patrulha de infantaria italiana vigiando a fronteira



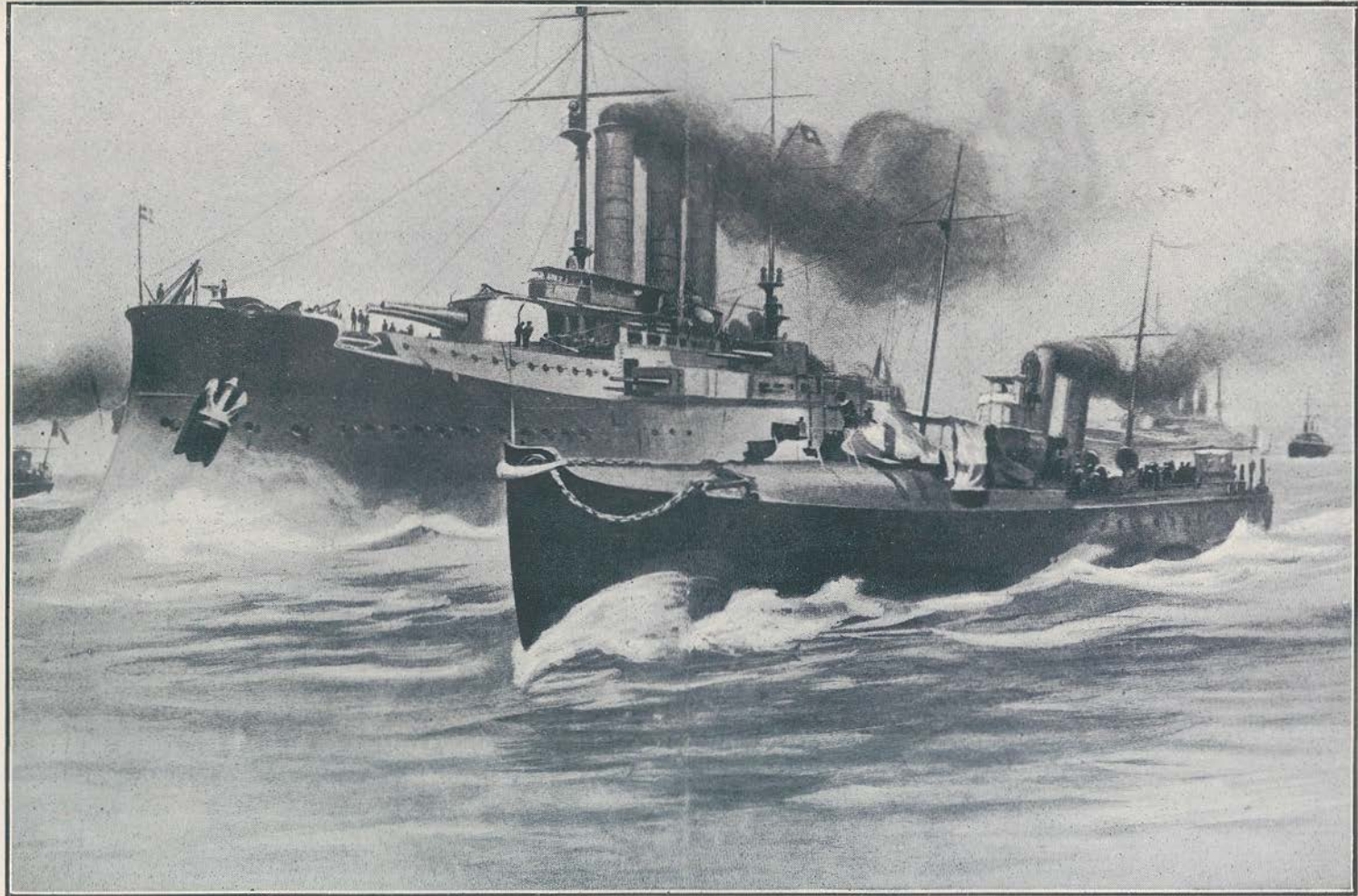
Um torpedeiro italiano atacando um outro torpedeiro austriaco



A artilharia de grosso calibre nas torres da prôa d'um dreadnought italiano



Na península de Galipoli.—1. O desembarque da artilharia pesada inglesa.—2. Marinheiros ingleses durante as operações de desembarque.

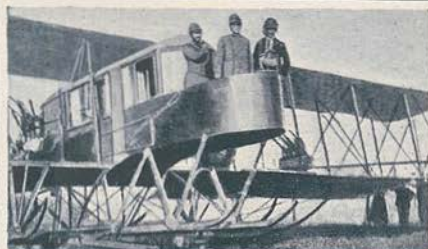


Os cruzadores italianos *Vittor Manuel* e *Rainha Helena* rodeados de torpedeiros no Adriático



Em New Chapelle. — Aos aspectos interessantíssimos, já conhecidos, do que se tem passado de mais heroico na prolongada luta em New Chapelle e junta-se este de uma granada que estoura sobre as trincheiras inglesas, curvando-se os soldados para deixarem passar a metralha e reerguendo-se depois para retomar a luta com desusado vigor.

UM BIPLANO GIGANTESCO



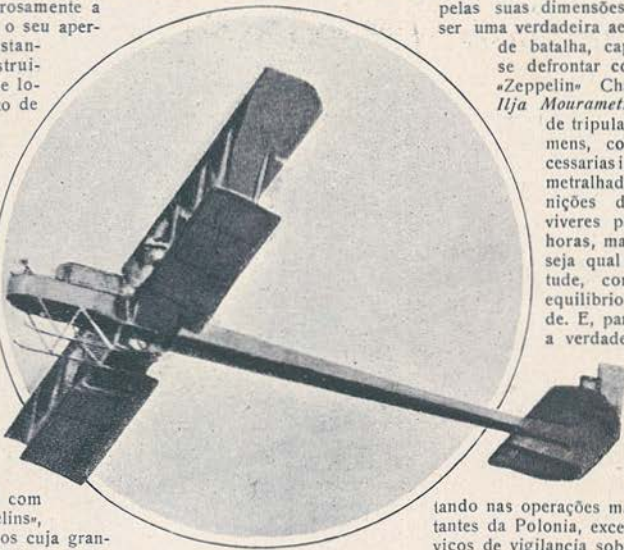
1. O gigantesco biplano *Ilya Mourametz*, que tem prestado os mais relevantes serviços na Polónia.—2. Os aviadores-chefes do biplano.

Está cada vez mais tremenda a guerra pelo ar e por baixo d'água. Submarinos e aeronaves vão alargando assombrosamente a sua ação, porque o seu aperfeiçoamento é constante, é febril. A destruição de uns sucede logo o aparecimento de outros, já diversos nas suas condições de movimento, de estabilidade, de combate. E o numero duplica, triplica, ... cada dia. N'esses elementos de luta, com que a Alemanha contou sempre, mesmo antes da guerra, estão agora os aliados concentrando toda a sua atenção e já com tanto exito que os seus submersíveis estão praticando admiráveis proezas e os seus aeroplanos batem-se vantajosamente com "Taubes" e "Zeppelins", possuindo já aparelhos cuja grandeza e ambito de ação não esmorecem muito, comparados aos d'estes ultimos.

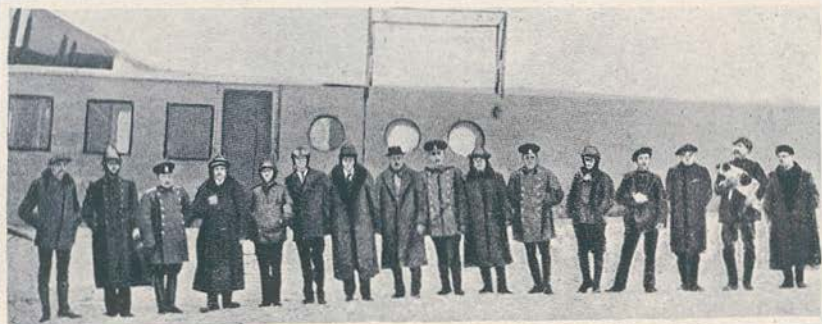
Assim, na Polónia acaba de aparecer um gigantesco biplano russo que tem sido admirado pelas suas dimensões e por ser uma verdadeira aeronave de batalha, capaz de se defrontar com um "Zeppelin". Chama-se *Ilya Mourametz*, tem

de tripulação 16 homens, com as necessarias instalações, metralhadoras, munições de guerra, viveres para muitas horas, manobrando, seja qual for a altitude, com notavel equilibrio e agilidade. E, para nos dar a verdadeira illusão de um navio do ar, até um cão tem a bordo. O *Ilya Mourametz* está pres-

tando nas operações mais importantes da Polónia, excelentes serviços de vigilancia sobre o movimento das tropas inimigas e afugentando os "taubes" que não contavam com aquele inesperado rei do ar.



O *Ilya Mourametz* voando



A tripulação do *Ilya Mourametz*, composta de 16 pessoas



Em Ypres.—Uma soberba carga dada pelos soldados coloniais ingleses ás trincheiras alemãs, que se julgavam suficientemente protegidos por uma ribeira, que foi atravessada sem dificuldades, rendendo-se o inimigo depois de grandes perdas.

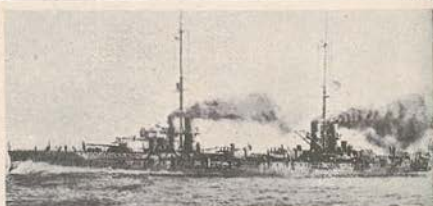
(The Illustrated London News)



Os ingleses preparados para resistirem aos gases asfixiantes lançados nas trincheiras pelos alemães



O cruzador *San Giorgio*, da marinha de guerra italiana.



O «dreadnought», *Dante Alighieri*, da marinha de guerra italiana.

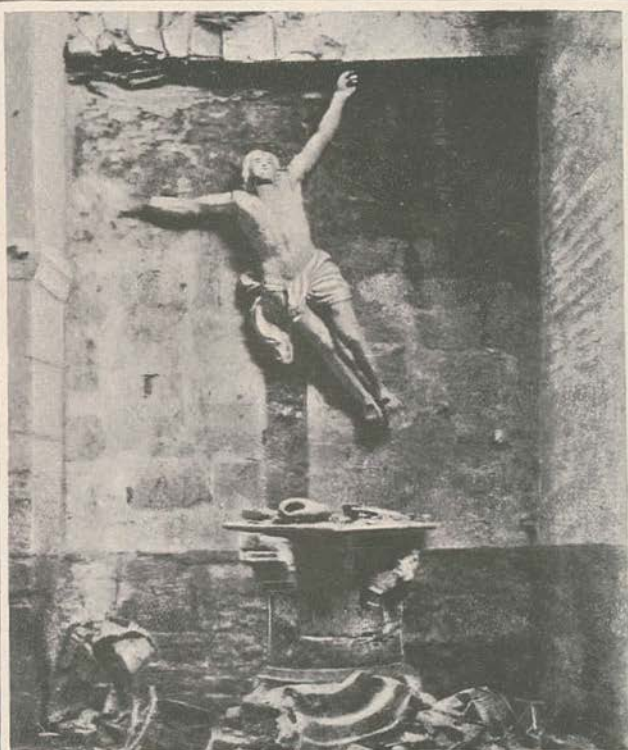


A infantaria italiana dos famosos *benaglieri*



Os soldados italianos em marcha com os seus novos uniformes.

A obra dos alemães. — Sentem-se calafrios de horror ao percorrer os sítios por onde passou o vandalismo alemão, semeando mortes e ruínas, destruindo por destruir. Os templos com as suas obras d'arte, as suas reliquias santas, tem sido o alvo predileto das granadas d'esses barbaros, não lhes escapando também a habitação inofensiva onde as mulheres e as crianças se aconchegam umas às outras, aterradas pela sorte dos que eram o seu amparo e por lá andam a derramar o



sangue em defesa da pátria.

Imaginamos qual não será a dôr dos crentes quando, ao emudecer do canhão e ao dissiparem-se os últimos ecos da horda que passa, indo procurar a sua igreja n'um impulso de fé e encontrando em vez d'ela um montão sacrilego de ruínas! E a dôr do soldado que voltasse no momento da casa desabar, vendo ainda estendida, morta, a mãe ou a irmã, alcançada pelos destroços?... Horror, horror!

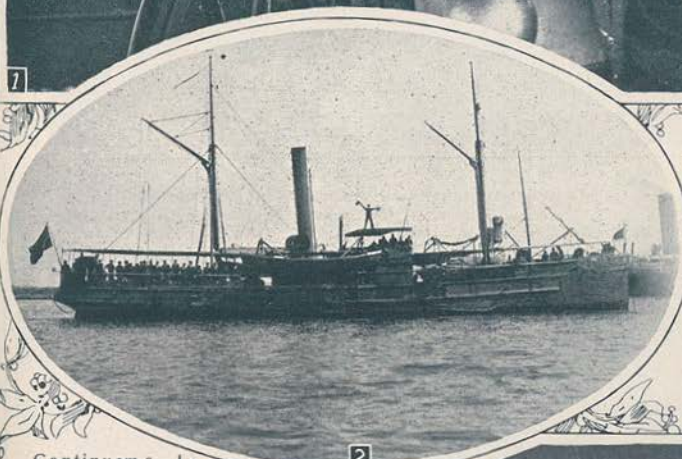


1. Uma igreja junto de Roye (Somme): Como ficou o Cristo da capela depois do bombardeamento dos barbaros — (Cliché M. Branger) — 2. Na Bélgica: O estado horrível em que ficou a habitação de uma pobre família, bombardeada pelos aeroplanos alemães. Uma das mulheres, atingida pelos escombros da casa, ficou ali, inanimada, junto do saudosíssimo lar.



Enterro de soldados alemães mortos pelas tropas russas em Mameł (Prússia Oriental)

Mais écos da revolução



si sempre se descobrem pelo tempo adeante.

Por isso a *Ilustração* agradece e publica hoje os que tem recebido, e continuará a publicar os que receber, dignos de ser registados ao lado d'estes. Assim, ficará arquivada nas suas paginas a mais completa reportagem fotografica de que se podem valer os futuros historiadores da revolução de 14 de maio.

Continuam a afluír á *Ilustração Portuguesa* muitos clichés interessantes dos acontecimentos, enviados por obsequiosos e distintos colaboradores, que por varios motivos não os poderam enviar com mais oportunidade. São, porém, paginas sempre apreciadas e que não perdem o interesse com a demora, pois que constituem elementos valiosissimos para a historia e os mais seguros e eloquentes d'elles qua-



1. O 1.º tenente sr. José Silveira da Rocha e Cunha, comandante da canhoneira *Limpopo*, na ponte
2. A *Limpopo* em Leixões—3. Os sargentos revolucionarios da *Limpopo*. Da esquerda para a direita: srs. Pedro F. Rodrigues, José Gregorio Fernandes e Albano Marques Salsinha
(Clichés da Foto-Bazar, do Porto)



Grupo de civis que abordou a *Uimpopo* em Leixões, às 13 horas do dia 15 de maio: 1. Antonio dos Santos Couto, 2. Antonio de Almeida Veloso, 3. Dr. Gonçalves Costa, 4. José Maria de Souza, 5. Joaquim Antonio Barbosa Melo, 6. Albertino Ernesto Branco, 7. Manuel Ferreira Marques, 8. Augusto Correia de Freitas, 9. Adolfo Amaral, 10. Mario Vasconcelos e Sá, 11. Ernesto d'Oliveira, 12. Lima e Silva, 13. Antonio G. da Costa.



A tripulação militar e civil da *Uimpopo*, que aderiu à revolução.

(Clichés da Foto-Bazar, do Porto).



A tripulação revolucionária do Vasco da Gama—(Cliché Vasques)



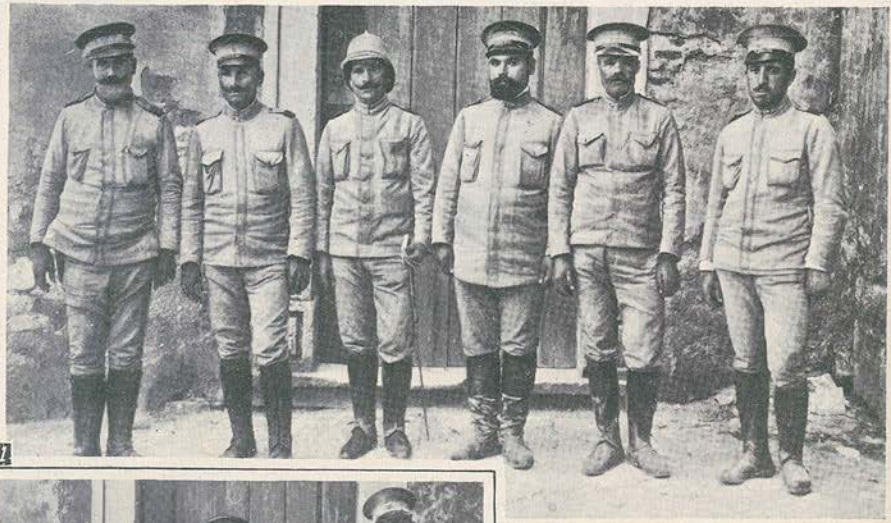
1. Revolucionários civis e militares que defenderam o quartel de marinheiros em Alcantara

2. A tripulação revoltada do cruzador *Almirante Reis*

(Clichés Vasques).



No Porto 2:—1. A policia defendendo a entrada do governo civil na manhã do dia 16.—2. O pessoal da Cruz Vermelha instalado no hotel Universal, na praça da Batalha.—3. Uma peça de artilharia postada no a.to da rua 311 de Janeiro (antiga rua de Santa Catarina).—4. O governo civil guardado pelas tropas de infantaria.—5. O aspeiro da praça da Liberdade á chegada dos marinheiros revoltados.—(Clichés de distinto fotografo amador sr. Jaime Paes).



Em Santarem.—As baterias de artilharia 3 que estiveram em Queluz por ocasião dos acontecimentos de maio, recolheram a Santarem, sendo alvo da mais entusiastica aclamação. As praças e officiaes confraternisaram com o povo, agradecendo o comandante do regimento, na parada do quartel, as demonstrações de simpatia feitas aos seus soldados e que tanto o sensibilisaram.



1. **Em Santarem:** Sargentos revolucionarios de artilharia 3. Da esquerda para a direita: Medeiros, Rego, Machado, Pinto e Frazão—2. Os capitães srs. Levi, Constantino e Conde, de artilharia 3—3. A bateria revolucionaria na parada do quartel de artilharia 3



A apresentação do sr. Presidente da Republica ao povo, da janela do Congresso, sendo entusiasmaticamente aclamado, pela multidão que se encontrava no largo e pelos e-petadores que assistiram á sessão e vieram n'esse momento para fora do espirito affirm de presenciar tão comovente ato.



O Presidente da Republica sr. dr. Teófilo Braga, saindo do Congresso, a caminho de Belem, levando a seu lado o presidente do Senado, sr. general Correia Barreto.—(Cléber Beneditel).

EXPOSIÇÃO DE BELAS-ARTES



1. Gesso, de Raul Xavier
2. Medalhão de senhora, de Severo Portela (filho)
3. A Dança, de Costa Mota (filho)
4. Um jogador do disco, de José Neto
5. Um belo, de Francisco dos Santos

Está interessantíssima a exposição promovida pela benemerita Sociedade de Belas Artes, no seu lindíssimo palacete da rua Barata Salgueiro. Os nossos mais cotados artistas e os seus discípulos mais di-
letos expõem ali verdadeiros primores de arte e imaginação que muito apreciados teem si-



do pelos entendedores do assunto. O número dos trabalhos expostos não fraquejou este ano, antes aumentou em quantidade e seriação os injustos se não dissessemos que entrecas ha muitos que fazem honra á arte nacional. E' que os artistas já consagrados e os que esperam



1. *Os orfãos*, de Narciso Alfredo Moraes.

receber do publico a sua consagração quizeram demonstrar os progressos constantes que teem obtido tanto na pintura como na escultura, apresentando obras de

2. *Defeza da Bandeira*, de Alfredo de Moraes.

grande merito e de incontestavel valia. E a prova é que uma grande parte dos trabalhos expostos encontrou prontamente compradores.



3. *Pr'o mar*, de João Vaz.—4. *Quando vem o paesinho da guerra?*, de Francisco Romano Esteves.
5. *Esperando...*, de D. Filomena Freitas



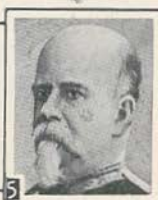
«Mademoiselle» Paulina Ribeiro

Na pagina da *Ilustração Portuguesa*, consagrada á audição da distinta professora de piano, sr.^a D. Lucilla Moreira, deixou de ser incluída por lapso «mademoiselle» Paulina Ribeiro, filha do sr. Leopoldino Ribeiro, uma creança galantíssima e cheia de talento, que executou um trecho de Schuman e um fado de Rei Colaço com tanto sentimento como correção.



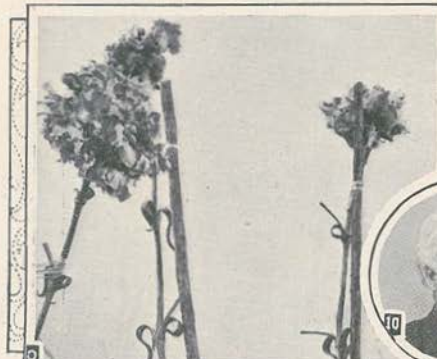
O sr. dr. Alves da Fonseca

Antigo official do gabinete do sr. barão do Rio Preto, e alto funcionario do ministerio das relações exteriores do Brazil, o sr. dr. Alves da Fonseca anda actualmente em comissão diplomatica pela Europa, tendo empregado os seus bons officios para a retirada dos brasileiros de Berlim no começo das hostilidades com a Alemanha.



3. O sr. Francisco Jorge da Silva, lavrador e comerciante de Freixo-feira, Mafra, onde faleceu—4. O sr. Guilherme de Oliveira, professor de desenho da Escola Rodrigues Sampaio, falecido em Lisboa—5. O

general Azcárraga, presidente do senado hespanhol, falecido em Madrid—6. O sr. Domingos Gonçalves Souto, negociante em Lisboa, onde faleceu—7. O sr. dr. Fernando José d'Almeida, falecido em Lisboa



e 9. Dois belos exemplares de cravos.—10. O sr. dr. Francisco Dias Ferreira.
11. O Jardineiro, sr. José Filipe Malhão.

O illustre advogado sr. dr. Francisco Dias Ferreira é um dos nossos mais intelligentes e apaixonados cultores de flores. Os formosos e variados exemplares com que concorre ás nossas melhores exposições fazem-lhe subida honra, pelo aperfeiçoamento de muitas variedades e apresentação de outras novas, de rara beleza. N'este ca-

so estão os cravos *Rebentão de Sevilha* de que reproduzimos uns specimenes de flores. Uma d'elas, gigantesca, é formada por 39 cravos, dentro do mesmo calice, no conjunto gracioso de um só. O sr. dr. Dias Ferreira tem um excelente auxiliar no seu jardineiro, o sr. José Filipe Malhão, muito ativo e que sabe a valer do seu mister.